

O INGLÊS NA INTERNACIONALIZAÇÃO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA BRASILEIRA: EVIDÊNCIAS DA SUBÁREA DE LINGUAGEM E LINGUÍSTICA

Kyria Rebeca FINARDI¹³²

Cláudio FRANÇA¹³³

Resumo: O artigo reflete sobre o papel do inglês na internacionalização da produção acadêmica brasileira. Para tanto o estudo revisa políticas educacionais, linguísticas e de internacionalização. A fim de subsidiar a reflexão proposta, o estudo analisa dados da produção científica em português e inglês na área de Artes e Humanidades – Subárea Linguagem e Linguística, em periódicos indexados na base de dados referencial *Scopus*, e os relaciona com a quantidade de citações recebidas. Os resultados mostram que há ainda pouca produção científica em inglês, na área investigada, gerando baixo número de citações internacionais, recebidas pelos artigos publicados nos periódicos da área estudada.

Palavras-chave: Produção acadêmica nacional. Papel do inglês no Brasil. Políticas educacionais e linguísticas. Internacionalização.

Abstract: *The paper reflects on the role of English in the internationalization of the Brazilian academic production. A review of educational, linguistic and internationalization policies is proposed. The study analyzes data from the scientific production in Portuguese and English in the area of Arts and Humanities - Language & Linguistics Subarea in journals indexed in the Scopus referential database, relating the amount of citations received. Results of the study show that there is still little scientific production in English, in the investigated area, yielding a low number of international citations received by articles published in the journals of the analyzed area.*

Keywords: *National academic production. Role of English in Brazil. Educational and linguistic policies. Internationalization.*

¹³² Departamento de Linguagens, Cultura e Educação (DLCE), Programa de Pós Graduação em Linguística (PPGEL) e Programa de Pós Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Vitória, ES, Brasil, Email- kyria.finardi@gmail.com

¹³³ Universidade Federal do Espírito Santo, (UFES), Vitória, ES, Brasil. Email-claudio.franca@ufes.br

Introdução

A ciência avança de forma cumulativa, de tal sorte que resultados de estudos anteriores são usados para expandir, revisar e aprofundar resultados e perguntas de pesquisas atuais. Na era da informação (por exemplo LEVY, 1999) e da economia do conhecimento (por exemplo SHIN; TEICHLER, 2013) na qual vivemos, o compartilhamento, a comparação e a generalização de resultados científicos é possível a uma velocidade nunca antes imaginada, graças, principalmente, a dois fatores: o uso das novas tecnologias da informação e comunicação (NTIC) (por exemplo WARSCHAUER, 2003; FINARDI; PREBIANCA; SCHMITT; ANDRADE, 2014) e o uso do inglês como língua franca acadêmica (KNIGHT, 2014; JENKINS, 2013).

Ainda que o inglês seja a língua estrangeira mais estudada e falada no mundo (KRAMSCH, 2014) e no Brasil (FINARDI, 2014), o impacto do uso desse idioma na produção e circulação do conhecimento, e no processo de internacionalização da educação ainda é pouco conhecido, apesar de algumas exceções (por exemplo, HAMEL, 2013; JENKINS, 2013). A fim de sanar parcialmente essa lacuna, este estudo oferece uma reflexão sobre o papel do inglês na circulação da produção acadêmica brasileira, e no processo de internacionalização do ensino superior, por meio da análise da produção científica em português e em inglês de uma área específica do conhecimento, qual seja, a de Artes e Humanidades.

Para tanto, o estudo revisa políticas educacionais, linguísticas e de internacionalização em relação ao papel do inglês no Brasil, analisando os dados da produção científica em português e em inglês na área de Artes e Humanidades – Subárea Linguagem e Linguística. A escolha da área e subárea se justifica por dois motivos: 1) a área de Artes e Humanidades e subárea de Linguagem e Linguística tem uma forte tradição de circular sua produção por meio de livros e capítulos de livros (FIORIN, 2007), em vez de circular em periódicos e 2) um dos principais programas de internacionalização no Brasil, o Programa Ciência sem Fronteiras (CsF), não inclui essa área nem essa subárea em seu menu. Conforme sugerem Pinheiro e Finardi (2014), a não inclusão desta área e subárea no CsF representa uma limitação uma vez que não reconhece o papel dessa área e subárea para a internacionalização. Em relação à tradição da área de Artes e Humanidades e subárea de Linguagem e Linguística de publicar mais em livros do que em periódicos, vemos que essa tendência não se aplica às áreas tecnológicas que fazem parte do CsF.

O artigo está organizado em três partes: a primeira revisa o papel do inglês nas políticas educacionais, linguísticas e de internacionalização. A segunda descreve o estudo realizado para verificar a produção acadêmica em português e em inglês, na área de Artes e Humanidades e subárea de Linguagem e Linguística. A terceira e última parte tece algumas considerações sobre o papel do inglês na circulação da produção nacional, com base na revisão de literatura e nos dados produzidos pelo estudo.

Revisão da literatura - O papel do inglês

Finardi, Prebianca e Momm (2013) sugerem que o letramento digital e algum conhecimento de inglês são necessários para ampliar o acesso à informação, disponível principalmente *online* e nesse idioma, possibilitando a produção de capital social (WARSCHAUER, 2003) e simbólico (BOURDIEU, 1991). A essa necessidade do uso da língua inglesa apontada por Finardi, Prebianca e Momm (2013), acrescentamos a possibilidade de apropriação desse idioma, como língua internacional, para o exercício de uma cidadania global (por exemplo FINARDI, 2014) e para a internacionalização da educação (por exemplo FINARDI; PREBIANCA, 2014).

A internacionalização do ensino superior é uma das consequências da globalização (por exemplo BLOOMAERT, 2010; GUILHERME, 2014) e pode ser definida como o processo de integrar dimensões internacionais, interculturais e globais na missão, função ou proposta de uma instituição de ensino superior, e de acordo com Shin e Teichler (2014), é uma tendência muito forte na educação atual. Nesse contexto, as universidades se tornaram valiosas pelo seu capital intelectual, que passou a ser visto como um importante produto de importação e exportação na economia do conhecimento (SHIN; TEICHLER, 2014). A internacionalização do ensino superior afeta e é afetada pela globalização e pelo uso do inglês como língua acadêmica ou internacional (SHIN; TEICHLER, 2014; FINARDI; ORTIZ, 2015; GUILHERME, 2014, SAXENA; OMONIYI, 2010; VAVRUS; PEKOL, 2015).

As transformações percebidas no mundo globalizado atual são refletidas nos meios e formas de acesso, produção e circulação do conhecimento, e nem sempre chegam à academia com a mesma velocidade que chegam à sociedade. Pensamos ser necessário incluir uma reflexão sobre o papel do inglês no atual debate brasileiro sobre políticas de internacionalização, bem como o que as políticas educacionais e linguísticas têm a dizer sobre ele, tanto na educação básica quanto na educação superior.

Como apontado por Leffa (2013), precisamos lutar contra o isolamento linguístico neste país rodeado por hispano falantes, e pressionado pela globalização a falar inglês. Apesar de sermos oficialmente um país monolíngue, na prática somos multilíngue e, como tal, devemos aprender a língua do vizinho e das minorias linguísticas no Brasil, ao mesmo tempo em que lutamos contra obstáculos ideológicos e econômicos para aprender o inglês como língua internacional (FINARDI, 2014).

Gimenez (2013 p. 202) relata um levantamento no qual o Brasil ficou em 46º lugar entre 54 países em relação à proficiência no inglês. Apesar dessas estatísticas, e conforme atesta a autora (GIMENEZ, 2013), parece haver uma valorização do aprendizado desse idioma como demonstrado pelo número de cursos livres de inglês no Brasil. A crença da população de que o aprendizado desse idioma é necessário, por um lado, e a falta de políticas linguísticas que garantam seu ensino com qualidade na rede pública, por outro, aumenta a lacuna social dos que têm e dos que não têm acesso a esse capital/conhecimento.

Segundo a lei maior da educação básica no Brasil, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), o inglês tem o mesmo *status* de qualquer língua estrangeira e pode, ou não, ser ensinado a partir da 5ª série (quando inicia a obrigatoriedade da escola de ofertar uma língua estrangeira), já que a escolha da língua estrangeira a ser ofertada fica a critério da comunidade escolar. Ainda com relação à política educacional no que tange o ensino de línguas estrangeiras no Brasil, vemos que quando o inglês é ofertado no ensino básico, a principal habilidade trabalhada é a de leitura, incentivando nossos alunos a ter acesso a textos em inglês sem, no entanto, prepará-los para produzir conteúdos nessa língua.

Entretanto, quando analisamos o papel do inglês no ensino superior o panorama é bem diferente, e como mostram os programas Ciência sem Fronteiras (CsF) e Inglês sem Fronteiras (IsF-Inglês), o inglês tem um *status* diferenciado dos outros idiomas, recebendo muito mais recursos, e oferecendo muito mais possibilidades de mobilidade acadêmica e de internacionalização do que os outros idiomas estrangeiros.

Tendo em vista esse cenário na educação básica, pensamos ser necessário refletir sobre o papel das línguas estrangeiras em geral e do inglês em particular, na formação e informação da educação brasileira, no momento em que programas de internacionalização como o Programa Ciência sem Fronteiras (CsF), o Programa Idiomas Fronteiras (IsF) e o Programa Inglês Fronteiras (IsF- Inglês) são implementados, a fim de ampliar o debate com vistas a propor políticas que considerem uma visão de educação e internacionalização condizente com os desafios da sociedade atual brasileira que produz muito internamente,

mas circula pouco sua produção em nível internacional¹³⁴, como pretende mostrar este artigo.

Em relação ao Programa CsF criado em 2011 para alavancar a internacionalização brasileira por meio do intercâmbio e da mobilidade acadêmica nas áreas de tecnologia e inovação, Pinheiro e Finardi (2014) sugerem que uma das razões do questionável sucesso do programa CsF, em sua fase inicial, foi justamente a falta de reconhecimento do papel do inglês no processo de internacionalização, o que ficou comprovado pela baixa proficiência em inglês dos candidatos às mais de cem mil bolsas ofertadas. Essa falha do Programa CsF foi, até certo ponto, corrigida no ano seguinte, com a criação do Programa Inglês sem Fronteiras (IsF-Inglês)¹³⁵ para impulsionar o aprendizado de inglês nas universidades brasileiras, principalmente com vistas a subsidiar a mobilidade acadêmica internacional. Em 2014 foi criado o programa Idiomas sem Fronteiras, reconhecendo o papel das línguas estrangeiras no processo de internacionalização do Brasil, e indiretamente reconhecendo o status do inglês como a língua estrangeira mais importante para a internacionalização, haja vista o montante de recursos destinados ao inglês e às outras línguas estrangeiras pelo programa, comparativamente.

Note-se que apesar da criação de programas como o CsF e o IsF-Inglês, a circulação da produção científica brasileira internacionalmente ainda é pequena, como nos lembram Silva, Menezes, Muszkat e Vieira (2003), ao reportar dados que mostram que o Brasil produz cerca de 1% de toda produção mundial, e está entre os 18 países que mais geram conhecimentos novos. Entretanto, a circulação de nossa produção ainda é muito baixa, uma vez que a produção nacional em periódicos reconhecidos e indexados em bases de dados internacionais ainda é escassa. De fato, Meneghini (1998, p. 219) sugere que a produção nacional lembra um *iceberg*, uma vez que a parte visível, que está indexada nas bases de dados internacionais como o ISI, corresponde a 20% - 25% do total, sendo que a parte submersa, que equivale à produção nacional não indexada no ISI, corresponde a cerca de 80%.

¹³⁴ Conforme se pode ver em notícia divulgada na Folha de São Paulo que coloca a produção acadêmica nacional em 13o lugar no ranking mundial, disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/ciencia/2013/04/1266521-brasil-cresce-em-producao-cientifica-mas-indice-de-qualidade-cai.shtml>

¹³⁵ Após a criação do Programa Idiomas sem Fronteiras a abreviação IsF passou a ser usada para esse programa e a abreviação IsF-Inglês para o programa Inglês sem Fronteiras.

A título de ilustração, na Europa o cenário parece ser bem diferente. A Europa tem vários países que, como o Brasil, não tem o inglês como língua materna, mas que adotaram mais rápida e eficientemente esse idioma como língua acadêmica e internacional, com vistas à internacionalização (por exemplo COLEMAN, 2006). A necessidade de se apropriar de valores ligados à globalização tais como a proficiência em línguas estrangeiras, principalmente depois da Resolução de Bologna firmada em 1999, com o objetivo de integrar o ensino superior, e possibilitar uma maior mobilidade acadêmica na Europa, fez com que várias universidades europeias adotassem o inglês como língua acadêmica, como política de internacionalização na corrida para se posicionarem estrategicamente na lista das melhores universidades que não por acaso, é composta pelas universidades de países anglo-falantes ou das que adotaram o inglês como língua acadêmica (GRADDOL, 2006). A observação da tabela com as melhores universidades reportadas por Graddol em 2006 e uma comparação com outra tabela atual¹³⁶ mostra que esse cenário ainda não mudou, ou seja, ironicamente (ou não) as melhores universidades, segundo os ranques internacionais são as que estão em países anglo-falantes ou em países que adotaram o inglês como língua acadêmica.

A proeminência do inglês como língua internacional no atual cenário mundial, parece não ter concorrência de outros idiomas estrangeiros como aponta Kramsch (2014). Segundo a autora, e ainda levando em consideração o cenário europeu, 38% da população nesse continente fala inglês, sendo que apenas 14% fala francês ou alemão. Kramsch (2014) aponta que 19 dos 29 países investigados afirmam que o inglês é o idioma estrangeiro mais falado, sendo que na Suécia a porcentagem da população que fala inglês chega a 89% e a 87% na Holanda, segundo o barômetro europeu supracitado. Como resultado da atual crise financeira mundial, os países da Escandinávia cortaram subsídios para o ensino de outras línguas estrangeiras, mantendo apenas os recursos para a única língua estrangeira que eles consideram necessária para exercer a cidadania no mundo globalizado – o inglês. Na Finlândia 88% da população acredita que o inglês é o idioma mais útil para se aprender, e o único que deve ser ensinado nas escolas (EUROBAROMETER, 2006 *apud* KRAMSCH, 2014).

Nesse cenário as universidades competem pela internacionalização, oferecendo cursos em inglês usando a metodologia de ensino de conteúdos diversos por meio do inglês (*Content and Language Integrated Learning* - CLIL na abreviação em inglês) para permitir

¹³⁶ Disponível em <http://www.timeshighereducation.co.uk/world-university-rankings/2014-15/world-ranking>

uma maior mobilidade estudantil tanto do tipo *IN* (a fim de receber acadêmicos estrangeiros) quanto do tipo *OUT* (enviando seus acadêmicos para o exterior) e como uma estratégia de se adequar à política global neoliberal. Outra estratégia de internacionalização usada por algumas universidades é o incentivo para publicar em inglês, permitindo uma maior circulação e difusão da produção institucional.

Finardi e Ortiz (2015) analisaram o processo de internacionalização do curso de Administração de duas universidades brasileiras, uma pública federal e a outra privada, de uma rede nacional. A motivação para fazer o estudo nesses dois contextos foi justificada pela 1) proeminência do curso de Administração no processo de internacionalização e 2) pelo pressuposto de que universidades públicas e privadas teriam diferentes motivações para a internacionalização, sendo elas de natureza acadêmica na pública, e lucrativa na privada. Resultados desse estudo sugerem que as universidades investigadas carecem de uma política de internacionalização articulada. Elas se limitam a programas de mobilidade acadêmica, a maior parte do tipo *OUT* como o Programa Ciência sem Fronteira. Os únicos programas de mobilidade acadêmica do tipo *IN*, são com países luso falantes e cujas universidades estão ranqueadas em situação igual, ou pior, do que as nossas, o que sugere que esses programas são mais conducentes de desenvolvimento de capital social nas instituições estrangeiras do que nas nossas. Finardi e Ortiz (2015) sugerem que a motivação para a internacionalização é acadêmica na universidade pública, e não existente na privada, em vista do tamanho do mercado nacional¹³⁷, e concluem que o maior obstáculo à internacionalização no Brasil é a barreira linguística, já que nossas universidades não oferecem cursos de ou em inglês como componentes curriculares. A esses desafios apontados por Finardi e Ortiz (2015) acrescentamos a pouca circulação da nossa produção científica nacional, com óbvias consequências para o desenvolvimento científico e internacional de nossas instituições.

Ao analisar o estudo supracitado podemos sugerir, ainda, que a fim de impulsionar a internacionalização do ensino superior é necessário investir em ações para promover a bilateralidade nos convênios firmados, se quisermos não só enviar, mas também receber acadêmicos em nossas instituições de ensino superior (IES), promovendo inclusive o ensino de português como língua estrangeira de forma estratégica.

Por entendermos que vivemos um momento político e econômico propício a

¹³⁷ Segundo mostra notícia no Portal Brasil que registra um número de quase 72% de estudantes universitários na rede privada contra 28% na rede pública, disponível em <http://www.brasil.gov.br/educacao/2014/09/ensino-superior-registra-mais-de-7-3-milhoes-de-estudantes>

mudanças no contexto educacional, aceitamos a convocação de Nicolaidis e Tilio (2013) para sair de nossa zona de conforto, onde nos limitamos a desenvolver nossas pesquisas, dar nossas aulas, e fazer nosso trabalho sem confrontar crenças como “não se aprende inglês na escola”; “vivemos em um país monolíngue na prática, e isso nos impede de alcançar um maior destaque no mercado internacional, em termos econômicos”; “nossos pesquisadores publicam pouco em inglês”; “políticas linguísticas são para tratar de questões referentes a direitos linguísticos de línguas de indígenas e de imigrantes, e isso pouco nos diz respeito” (NICOLAIDES; TILIO, 2013, p. 287), e convidamos a todos a se unirem a nós para pensar políticas linguísticas e de internacionalização, capazes de refletir a realidade e necessidade da sociedade contemporânea, formando cidadãos críticos e reflexivos, capazes de exercer sua cidadania no mundo globalizado, através do uso do inglês como língua internacional e não apenas para “importar” informação, mas também para produzir e exportar “conhecimento” através da apropriação desse idioma como língua internacional (FINARDI, 2014).

A fim de subsidiar essa reflexão, descrevemos o estudo realizado a fim de verificar a situação da produção acadêmica nacional, em português e em inglês, da área de Artes e Humanidades, subárea Linguagem e Linguística. Como explicado na introdução deste artigo, a escolha da área se deve ao fato dela não fazer parte de um dos principais programas de internacionalização, o Programa Ciências sem Fronteiras. Outra motivação para a escolha da área se deve ao fato dela publicar tradicionalmente em livros mais que em revistas.

Metodologia

O estudo tem como objetivo analisar a produção acadêmica nacional da área de Artes e Humanidades, subárea Linguagem e Linguística em português e em inglês e é de natureza bibliográfica documental com um cunho híbrido (DORNYEI, 2007), uma vez que utiliza dados quantitativos e qualitativos para entender o papel do inglês na produção científica nacional na área investigada. Os dados foram extraídos da base *Scimago*, que produz uma série de indicadores sobre periódicos científicos, dentre eles o índice *Scimago Journal Ranking* (SJR), indicando o número de citações de trabalhos publicados indexados na base referencial *Scopus*. A opção de análise sobre a produção em periódicos se deu em virtude de os periódicos ainda conservarem a função de “comunicação formal dos resultados da pesquisa original para a comunidade científica e demais interessados” (MUELLER, 2000, p.

75).

Após a identificação dos títulos nacionais que compõem o índice SJR, classificados na temática Linguagem e Linguística, procedeu-se à pesquisa na base *Scopus*, objetivando identificar as seguintes variáveis: período de cobertura de indexação, quantidade de artigos publicados, idiomas utilizados nos artigos e quantidade de citações recebidas.

Para a coleta dos dados supracitados, elaborou-se uma estratégia valendo-se do mecanismo de busca simples, com a aplicação da faceta “*SOURCE TITLE*”, que permite a recuperação de todos os artigos indexados, publicados por determinado periódico. O quadro 1 demonstra os periódicos nacionais da subárea Linguística e Letras, e o período de cobertura de artigos indexados na base *Scopus*.

TÍTULO – ISSN	PERÍODO DE INDEXAÇÃO
Acta Scientiarum Language and Culture – 1983-4675	2008-2015
Alea – 1517-106X	2008-2015
Boletim Museu Paraense Emilio Goeldi: Ci. Humanas – 2178-2547	2011-2015
Cadernos de Linguagem e Sociedade – 0104-9712	2012-2014
Calidoscopio – 2177- 6202	2010-2014
Espaço Plural – 1518-4196	2012-2014

Quadro 1 – Periódicos Área Linguagem e Linguística indexados na base *Scopus*

A etapa posterior do estudo centrou-se na análise da quantidade de artigos publicados pelos periódicos no período 2008-2014. Valendo-se do filtro “*YEAR*”, disponível nos resultados recuperados, foi possível observar o quantitativo de artigos publicados por revista em determinado ano para, em seguida, alcançarmos o objetivo do estudo: a verificação do percentual de artigos publicados em português, inglês e em outras línguas.

A preocupação em determinar a variante idioma usado nesta pesquisa encontra abrigo em Fiorin (2007), que sugere duas formas tradicionais de mensurar os resultados da pesquisa de um país, quais sejam: a) o número de artigos publicados em revistas internacionais; b) e o seu impacto, determinado por meio da contagem das citações das quais foi objeto.

Para a internacionalização dos artigos de periódicos, um dos critérios que confere tal

predicado é a publicação em revistas indexadas em bases de dados internacionais, como a *Scopus* e a *Web of Science*. Somado à sua inclusão em bases referenciais, outro elemento de extrema importância em busca da internacionalização é a publicação dos artigos em língua estrangeira, principalmente o inglês, devido à “grande parte da população falar e conhecer o inglês e, por ser considerada a língua universal da pesquisa” (BERNARDES; BORBA; FERREIRA, 2014, p. 3).

O impacto das publicações é aferido por meio de métodos bibliométricos, que além de verificar o nível de interesse dos pares, a partir do número de citações recebidas pela pesquisa, de acordo com Braga (1974 *apud* VANTI, 2002, p. 155), examina diferentes variáveis, como por exemplo, “recursos humanos-documentos, artigos-periódicos, produção-consumo [...]”. Guedes e Borschiver (2005, p. 15) destacam que bibliometria é uma “ferramenta estatística que permite mapear e gerar diferentes indicadores de tratamento e gestão da informação e do conhecimento”. Bem aproveitados, os indicadores bibliométricos auxiliam no planejamento, avaliação e gestão da ciência e da tecnologia de uma determinada comunidade científica ou país.

Com o advento das Tecnologias da Informação e Comunicações (TIC), os levantamentos bibliométricos, outrora de domínio exclusivo de estudiosos da área, hoje se encontram organizados e compilados em índices de citação e bases de dados de conteúdo referencial, como já destacado no caso da *Scopus* e da *Web of Science*; proporcionando subsídios para estudos de evolução científica de determinada área, bem como a influência de um idioma sobre as publicações, como o estudo que ora nos propomos a realizar.

Para levantamento dos dados relativos ao idioma dos artigos publicados nos periódicos estudados, bem como o quantitativo de citações recebidas, mais uma vez nos valem dos recursos contidos na base *Scopus*, que auxiliaram a análise dos dados, descrita a seguir.

Análise

Verificou-se no período analisado que os periódicos da subárea Linguagem e Linguística publicaram em seus fascículos os seguintes tipos de comunicação: artigos originais, artigos de revisão, editoriais, artigos de eventos científicos, entrevistas e análise de livros. Para os fins deste estudo serão considerados apenas os artigos originais e artigos de revisão.

O Quadro 2 mostra a ocorrência das comunicações em cada periódico estudado no

período de 2008-2014 e permite observar a predominância dos artigos originais como fonte principal utilizada pelos pesquisadores dessa subárea para divulgação da produção realizada.

TÍTULO	TIPO DE DOCUMENTO	QUANTIDADE	PERCENTUAL
<i>Acta Scientiarum Language and Culture</i>	Artigos Originais	211	94,61%
	Artigos de Revisão	8	3,58%
	Outros	4	1,59%
<i>Alea</i>	Artigos Originais	162	81,40%
	Artigos de Revisão	13	6,53%
	Outros	24	12,06%
<i>Boletim do Museu Paraense Emilio Goeldi: Ciências Humanas</i>	Artigos Originais	65	65,65%
	Artigos de Revisão	24	24,24%
	Outros	10	10,11%
<i>Cadernos de Linguagem e Sociedade</i>	Artigos Originais	66	85,71%
	Artigos de Revisão	6	7,79%
	Outros	5	6,5%
<i>Calidoscopio</i>	Artigos Originais	114	65,51%
	Artigos de Revisão	34	19,54%
	Outros	26	14,95%
<i>Espaço Plural</i>	Artigos Originais	47	61,03%
	Artigos de Revisão	21	27,27%
	Outros	9	11,7%

Quadro 2 – Tipos de documentos publicados nos periódicos da subárea Linguagem e Linguística

Importante variável analisada e que motiva a existência deste estudo diz respeito à observação do número de artigos publicados em inglês. Para tanto, realizou-se pesquisa na base *Scopus*, fazendo a busca por título, tipo de documento e idioma, obtendo-se o resultado tabulado no Gráfico 1, demonstrando que há forte predominância da língua portuguesa.

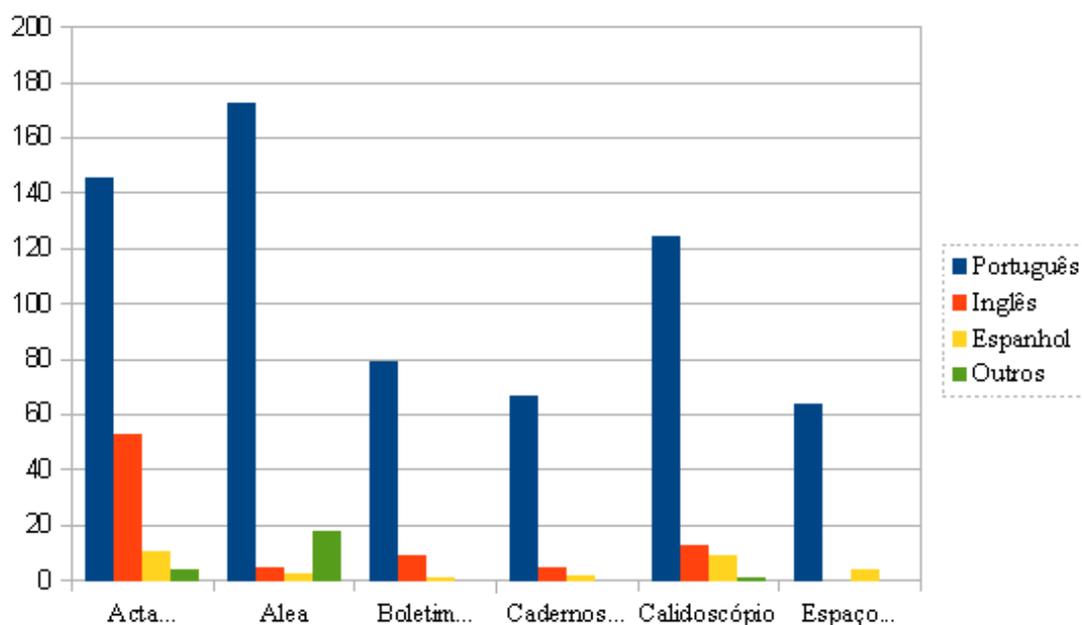


Gráfico 1 – Artigos publicados por idioma

O Gráfico 2 ilustra a quantidade de artigos em inglês publicados por ano nos periódicos analisados. Observa-se que mesmo diante da maior visibilidade e, conseqüentemente, internacionalização da ciência produzida, no caso da publicação na língua inglesa, os dados não demonstram uma evolução no número de artigos publicados em texto completo no inglês. Assim, apesar da elevação do quantitativo no ano de 2012 registrado em um dos títulos analisados, nos anos seguintes ocorre drástica redução, como mostra o Gráfico 2.

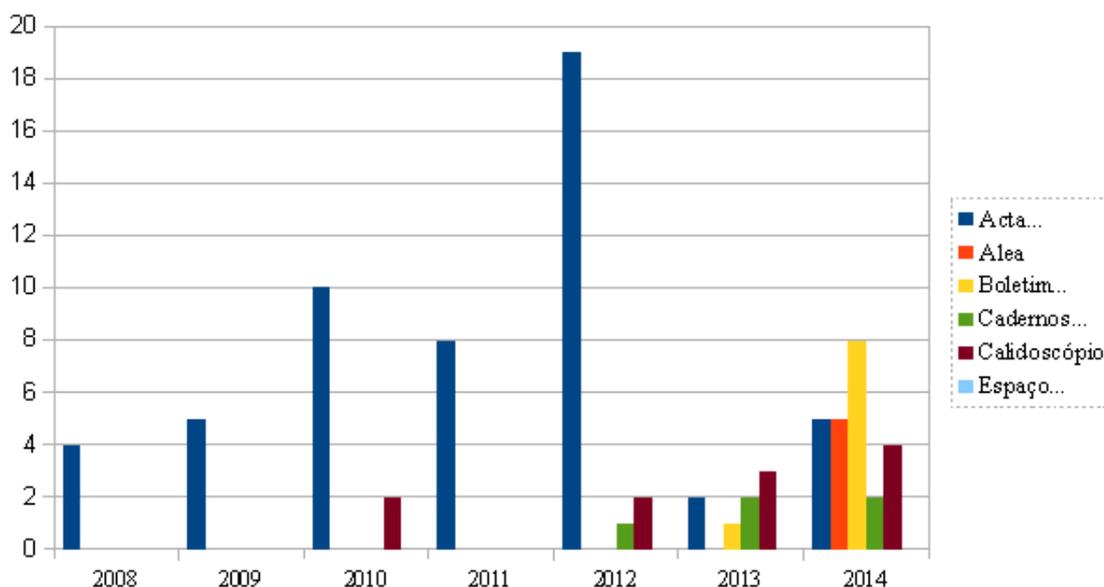


Gráfico 2 – Artigos publicados em inglês por ano

Outro índice que atua como suporte para observar a internacionalização da produção científica é relativo ao número de citações recebidas pelo documento, atestando a utilidade do documento para os pares em determinado momento. Apesar de sustentados em critérios bibliométricos, os índices de citação recebem inúmeras críticas da comunidade científica, mas de acordo com Strehl e Santos (2002), são usados no método de avaliação da qualidade de publicações científicas mundialmente difundidas e que demonstram uma forte correlação entre o número de citações e a qualidade de um artigo científico.

A partir do nosso objeto de estudo, procedeu-se à análise da quantidade de citações recebidas pelos artigos publicados nos periódicos investigados. Para o levantamento dos dados também se considerou o período 2008-2014, excluindo-se o corrente ano em função da imprecisão dos dados, já que a base sofre atualizações diárias.

TÍTULO	CITAÇÕES							
	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	TOTAL
<i>Acta...</i>	2	1	2	1	0	1	0	7
<i>Alea</i>	4	1	2	0	1	0	0	8
<i>Boletim...</i>	-	-	-	-	8	8	0	16
<i>Cadernos...</i>	-	-	-	-	0	0	0	0
<i>Calidoscópio</i>	-	-	4	1	6	1	0	12
<i>Espaço...</i>	-	-	-	-	1	0	0	1

Quadro 3 – Citações recebidas no período 2008-2014

A partir da análise dos dados contidos no Quadro 3 e tomando-se a quantidade de citações recebidas como um dos parâmetros para aferir a internacionalização da produção, infere-se que é baixíssimo o índice de penetração dos artigos publicados no período estudado na produção internacional.

Obviamente que a simples publicação em língua inglesa não confere maior qualidade à produção científica. Tal presunção poderia indicar, erroneamente, que a produção científica em outros idiomas não é necessariamente de qualidade. Diferentemente, o que está em análise aqui é o pressuposto de que a internacionalização do conhecimento produzido no país, pode ser potencializado por meio de publicações na língua inglesa, a fim de conferir maior visibilidade da produção científica local.

Fiorin (2007) adverte que não é possível internacionalizar a produção científica em Ciências Humanas e Sociais – e nós acrescentaríamos Artes, Linguagem e Linguística – nos mesmos níveis de outras áreas, como Ciências Exatas e Ciências da Saúde, que normalmente investigam temáticas de relevância internacional, e que fazem uso dos periódicos como canal principal de divulgação. Contrariamente, as Ciências Humanas e Sociais, e acreditamos também, as Artes, Linguagens e Linguística, ainda utilizam como principal canal de divulgação o livro, que além de não possuir a versatilidade e agilidade do periódico na comunicação científica, tem baixíssima inclusão em bases bibliográficas de dados referenciais. Ainda que haja um apelo para indexação dos capítulos de livros das áreas de Ciências Humanas e Sociais, o progresso de tal ação ainda é bastante moroso e imperceptível em grande parte das bases de dados, dentre elas a *Scopus*.

Conclusão

Este estudo teve como objetivo analisar a produção científica em português e em inglês na área de Artes e Humanidades – Subárea Linguagem e Linguística, em periódicos indexados na base de dados referencial *Scopus*, a fim de refletir sobre o papel do inglês na internacionalização da produção acadêmica brasileira. Os dados mostraram que o número de artigos publicados em inglês é muito baixo, sugerindo que a visibilidade da produção acadêmica nacional nessa área deve repensar as estratégias de circulação de sua produção, a fim de permitir uma maior internacionalização e intercâmbio científico, sem o qual a ciência não pode avançar de forma plena.

Tendo em vistas as políticas educacionais, linguísticas e de internacionalização vigentes no Brasil hodierno, e o papel do inglês na formação, informação, produção e circulação da produção brasileira, o estudo conclui que é necessário repensar o papel desse idioma na educação em geral, e na produção e circulação científica em particular, por meio de políticas de internacionalização sintonizadas com políticas educacionais e linguísticas de base.

Referências

BERNARDES, E. M. ; BORBA, J. A.; FERREIRA, D. D. Produção Científica em Língua Inglesa dos Docentes dos Programas de Pós-Graduação em Contabilidade no Período de 2000 a 2012. In: Congresso UFSC de Controladoria e Finanças & Iniciação Científica em Contabilidade, 5. Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: UFSC, 2014. Disponível em: < http://dvl.ccn.ufsc.br/congresso/artigos/trabalhos_aprovados>. Acesso em: 07 maio 2014.

BLOMMAERT, J. **The sociolinguistics of globalization**. Cambridge: Cambridge University Press, p. 219. 2010.

BOURDIEU, P. **Language and Symbolic Power**. Cambridge, MA: Harvard UP, p. 320. 1991.

COLEMAN, J. English-medium teaching in European higher education. **Language Teaching**, 39 (1). p.1-14. 2006.

DORNYEI, Z. **Research methods in applied linguistics: Quantitative, qualitative and mixed methodologies**. Oxford: Oxford University Press. p. 336. 2007.

FINARDI, K. R.; ORTIZ, R. A. Globalization, Internationalization and Education: What is the Connection?. IJAEDU- **International E-Journal of Advances in Education**, v. 1, pp. 18-25, 2015.

FINARDI, K. R. ; PREBIANCA, G.; MOMM, F. Tecnologia na Educação: o caso da Internet e do Inglês como Linguagens de Inclusão. **Cadernos do IL**, v. 46, p. 193-208. 2013.

FINARDI, K. R.; PREBIANCA, G. Políticas linguísticas, internacionalização, novas tecnologias e formação docente: um estudo de caso sobre o curso de Letras Inglês em uma universidade federal. **Leitura** (UFAL), v. 1, p. 129-154, 2014.

FINARDI, K. R.; PREBIANCA, G. V. V.; SCHMITT, J.; ANDRADE, D. F. Technology, English Language Teaching and Internationalization at a Crossroad: Insights from the Analysis of a Virtual Learning Environment in Brazil. In: International Conference of Education, Research and Innovation, 2014, Sevilha. **ICERI2014 Proceedings...** Madri: IATED, 2014. v. 1. p. 1-12.

FINARDI, K. R. The slaughter of Kachru's five sacred cows in Brazil and the use of English as an international language. **Studies of English Language Teaching**, v. 2, p. 401-411, 2014.

FIORIN, J. L. Internacionalização da produção científica: a publicação de trabalhos de Ciências Humanas e Sociais em periódicos internacionais. **Revista Brasileira de Pós-Graduação**, v. 4, n. 8, p.263-281. 2007.

GIMENEZ, T. A ausência de políticas para o ensino da língua inglesa nos anos iniciais de escolarização no Brasil. In: NICOLAIDES, Christine; SILVA, Kleber; TÍLIO, Rogério; ROCHA, Claudia (Orgs.) **Política e Políticas Linguísticas**. Campinas: Pontes Editores, 2013. p.199-218. 2013.

GRADDOL, D. **English Next**: Why global English may mean the end of English as a foreign language. The English Company (UK) Ltd. British Council. p.132. 2006. Disponível em <http://www.britishcouncil.org/learning-research-english-next.pdf>.

GUEDES, V.; BORSCHIVER, S. Bibliometria: uma ferramenta estatística para a gestão da informação e do conhecimento, em sistemas de informação, de comunicação e de avaliação científica e tecnológica. In: Encontro Nacional de Ciência da Informação, 6., 2005, Valinhos, SP. **Anais...** Disponível em: <<http://enancib.ibict.br/index.php/enancib/vienancib>> Acesso em: 26 maio de 2014.

GUILHERME, M. Glocal Languages And North-South Epistemologies. In: **European and Latin American Higher Education Between Mirrors**. Sense Publishers, 2014. p. 55-72.

HAMEL, R. E. L'anglais, langue unique pour les sciences? Le rôle des modèles plurilingues dans la recherche, la communication scientifique et l'enseignement supérieur. **Synergies Europe**, n. 8, 2013. p. 53-66.

JENKINS, J. **English as a Lingua Franca in the International University: The Politics of Academic English Language**. Routledge, 2013. pp. 243.

KNIGHT, J. **Higher Education in Turmoil: The Changing World of Internationalisation**. Global Perspectives on Higher Education, volume 13. Rotterdam: Sense Publishers. 2008. p. 229.

KNIGHT, P. Where next for EAP? **World Journal of English Language**, Vol. 4, n.2. p.1-6. 2014.

KRAMSCH, C. Teaching Foreign Languages in an Era of Globalization: Introduction. **The**

Modern Language Journal, 98, (1), p. 296-311. 2014.

LEFFA, V. Prefácio. In: NICOLAIDES, C.; SILVA, K.; TÍLIO, R.; ROCHA, C. (Orgs.) **Política e Políticas Linguísticas**. Campinas: Pontes Editores, 2013. p.7-10.

LEVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34.1999. p. 260.

MENEGHINI, R. Avaliação da produção científica e o Projeto SciELO. Trabalho apresentado no Seminário sobre Avaliação da Produção Científica, realizado em São Paulo pelo Projeto SciELO, de 4 a 6 de março de 1998. **Ci. Inf., Brasília**, v. 27, n. 2, p. 219-220, maio/ago. 1998.

MUELLER, S. O periódico científico. In: CAMPELLO, B.; CENDON, B.; KREMER, J. (Orgs.) **Fontes de informação para pesquisadores e profissionais**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000. p. 73-96.

NICOLAIDES, C.; TÍLIO, R. Políticas de ensino e aprendizagem de línguas adicionais no contexto brasileiro: o caminho trilhado pela ALAB. In: NICOLAIDES, C.; SILVA, K.; TÍLIO, R.; ROCHA, C. (Orgs.) **Política e Políticas Linguísticas**. Campinas: Pontes Editores, 2013. p.1285-306.

PINHEIRO, L. M. S.; FINARDI, K. R. Políticas públicas de internacionalização e o papel do inglês: evidências dos programas CSF e ISF. In: II Conel, 2014, Vitória. **Anais... do II Conel**. Vitória: PPGEL, 2014. v. 1. p. 76-78.

SAXENA, M.; OMONIYI, T. (Eds.). **Contending with globalization in world Englishes**. Multilingual matters, 2010. p.256.

SHIN, J.; TEICHLER, U. **The Future of The Post-Massified University at the Crossroads. Restructuring Systems and Functions**. SHIN. J.; TEICHLER, U. (Eds.). Springer. 2013. p. 248.

SILVA, E. L.; MENEZES, E. M. ; PINHEIRO, L. V. Avaliação da produtividade científica dos pesquisadores nas áreas de ciências humanas e sociais aplicadas. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 13, n. 2, p. 193-222. 2003.

VANTI, N. A. P. Da bibliometria à webometria: uma exploração conceitual dos mecanismos utilizados para medir o registro da informação ea difusão do conhecimento. **Ciência da Informação**, v. 31, n. 2, p. 152-162, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v31n2/12918.pdf>>. Acesso em: 01 jun. 2014.

VAVRUS, F.; PEKOL, A. Critical Internationalization: Moving from Theory to Practice, **FIRE: Forum for International Research in Education**: Vol. 2: Iss. 2, Article 2. p. 5-21. 2015. Disponível em: <[p://preserve.lehigh.edu/re/vol2/iss2/2](http://preserve.lehigh.edu/re/vol2/iss2/2)>

WARSCHAUER, M. Social capital and access. **Universal Access in the Information Society**, v.2 n. 4, p. 315-330, 2003.